

## VIII

## BOM ANIMO

O apóstolo Bartolomeu foi dos mais dedicados discípulos do Cristo, desde os primeiros tempos de suas pregações, junto ao Tiberiades. Todas as suas possibilidades eram empregadas em acompanhar o Mestre, na sua tarefa divina. Entretanto, Bartolomeu era triste e, vezes inúmeras, o Senhor o surpreendia em meditações profundas e dolorosas.

Foi, talvez, por isso que, uma noite, enquanto Simão Pedro e sua família se entregavam a inadiáveis afazeres domésticos, Jesus aproveitou alguns instantes para lhe falar mais demoradamente ao coração.

Após uma interrogativa afetuosa e fraternal, Bartolomeu deixou falasse o seu espírito sensível.

— Mestre — exclamou, timidamente — não saberia nunca explicar-vos o porque de minhas tristezas amargurosas. Só sei dizer que o vosso Evangelho me enche de esperanças para o reino de luz que nos espera os corações, além, nas alturas... Quando esclarecesteis que o vosso reino não é deste mundo, experimentei uma nova coragem para atravessar as misérias do caminho da Terra, pois, aqui, o selo do mal parece obscurecer as coisas mais puras!... Por toda parte,

é o triunfo do crime, o jogo das ambições, a colheita dos desenganos!...

A voz do apóstolo se tornara quasi abafada pelas lágrimas. Todavia, Jesus fitou-o brandamente e lhe falou, com serenidade:

— A nossa doutrina, entretanto, é a do Evangelho ou da Boa Nova e já viste, Bartolomeu, uma boa notícia não produzir alegria? Fazes bem, conservando a tua esperança, em face dos novos ensinamentos; mas, não quero senão acender o bom animo no espírito dos meus discípulos. Se já tive ocasião de ensinar que o meu reino ainda não é deste mundo, isso não quer dizer que eu desdenhe o trabalho de estende-lo, um dia, aos corações que mourejam na Terra. Achas, então, que eu teria vindo a este mundo, sem essa certeza confortadora? O Evangelho terá de florescer, primeiramente, na alma das criaturas, antes de frutificar para o espírito dos povos. Mas, venho de meu Pai, cheio de fortaleza e confiança, e a minha mensagem ha de proporcionar grande jubilo a quantos a receberem de coração.

Depois de uma pausa, em que o discípulo o contemplava silencioso, o Mestre continuou:

— A vida terrestre é uma estrada prodigiosa, que conduz aos braços amorosos de Deus. O trabalho é a marcha. A luta comum é a caminhada de cada dia. Os instantes deliciosos da manhã e as horas noturnas de serenidade são os pontos de repouso; mas, ouve-me bem! Na atividade ou no descanso físico, a oportunidade de uma hora, de uma leve ação, de uma palavra humilde é o convite de Nosso Pai para que semeemos as suas bênçãos sacrossantas. Em geral, os homens abusam desse ensejo precioso para anteporem a sua vontade imperfeita aos designios superiores, perturbando a propria marcha. Daí resultam as jornadas mais ásperas, a colheita dos espinhos, as paradas obrigatórias para retificação das faltas cometidas, os infrutíferos labores. Em vista destas



razões, observamos que os viajores da Terra estão sempre desalentados. Na obsecção de sua vontade própria, ferem a fronte nas pedras da estrada, cerram os ouvidos á realidade espiritual, vendam os olhos com a sombra da rebeldia e passam em lagrimas, em desesperadas imprecações e amargurados gemidos, sem enxergarem a fonte cristalina, a estrela cariciosa do céu, o perfume da flor, a palavra de um amigo, a claridade das experiencias que Deus espalhou, para a sua jornada, em todos os aspectos do caminho.

Houve um pequeno intervalo nas considerações afetuosas, depois do que, sem mesmo perceber inteiramente o alcance de suas palavras, Bartolomeu interrogou:

— Mestre, os vossos esclarecimentos dissipam os meus pesares; mas, o Evangelho exige de nós a fortaleza permanente?

— A verdade não exige, transforma. O Evangelho não poderia reclamar estados especiais de seus discipulos; porém, é preciso considerar que a alegria, a coragem e a esperança devem ser traços constantes de suas atividades em cada dia. Porque nos firmarmos no pesadelo de uma hora, se conhecemos a realidade gloriosa da eternidade com o Nosso Pai?

— E quando os negocios do mundo nos são adversos? e quando tudo parece em luta contra nós? — perguntou o pescador, de olhar inquieto.

Jesus, todavia, como se percebesse, inteiramente, a finalidade de suas perguntas, esclareceu com bondade:

— Qual o melhor negocio do mundo, Bartolomeu? Será a aventura que se efetua a peso de ouro, muita vez amordaçando-se o coração e a consciencia, para aumentar as preocupações da vida material, ou a iluminação definitiva da alma para Deus, que se realiza tão só pela boa vontade do homem, que deseje marchar para o seu amor, por entre as luzes do caminho? Não será a adver-

sidade nos negocios do mundo um convite amigo para a creatura semear com mais amor, um apelo indireto que a arranque ás ilusões da Terra para as verdades do reino de Deus?

Bartolomeu guardou aquela resposta no coração, não, todavia, sem experimentar certa estranheza. E logo, lembrando-se de que sua progenitora partira, havia pouco tempo, para a sombra do tumulto, interpelou ainda, ansioso:

— Mestre, e não será justificavel a tristeza quando perdemos um ente amado?

— Mas, quem estará perdido, se Deus é o Pai de todos nós?... Se os que estão sepultados no lodo dos crimes hão de vislumbrar, um dia, a alvorada da redenção, porque lamentarmos, em desespero, o amigo que partiu ao chamado do Todo-Poderoso? A morte do corpo abre as portas de um mundo novo para a alma. Ninguém fica verdadeiramente orfão sobre a Terra, como nenhum sêr está abandonado, porque tudo é de Deus e todos somos seus filhos. Eis porque todo discipulo do Evangelho tem de ser um sementeiro de paz e de alegria!...

Jesus entrou em silencio, como se houvera terminado a sua exposição judiciosa e serena.

E, pois que a hora já ia adeantada, Bartolomeu se despediu. O olhar do Mestre oferecia ao seu naquela noite uma luz mais doce e mais brilhante; suas mãos lhe tocaram os ombros, levemente, deixando-lhe uma sensação salutar e desconhecida.

\*

Embora nascido em Caná da Galiléia, Bartolomeu residia, então, em Dalmanuta, para onde se dirigiu, meditando gravemente nas lições que havia recebido. A noite pareceu-lhe formosa como nunca. No alto, as estrelas se lhe afiguravam as luzes gloriosas do palacio de Deus á espera das suas



creaturas, com hinos de alegria. As águas de Genesaré, aos seus olhos, estavam mais placidas e felizes. Os ventos brandos lhe sussurravam ao entendimento cariciosas inspirações, como um cor-reio delicado que chegasse do céu.

Bartolomeu começou a recordar as razões de suas tristezas intraduzíveis, mas, com surpresa, não mais as encontrou no campo do coração. Lembrava-se de haver perdido a afetuosa progenitora; refletiu, porém, com mais amplitude, quanto aos designios da Providencia Divina. Deus não lhe era pai e mãe nos céus? Recordou os contratempos da vida e ponderou que seus irmãos pelo sangue o aborreciam e caluniavam. Entretanto, Jesus não lhe era um irmão generoso e sincero? Passou em revista os insucessos materiais. Contudo, que eram as suas pescarias ou a avareza dos negociantes de Betsaida e de Cafarnaum, comparados á luz do reino de Deus, que ele trabalhava por edificar no coração?

Chegou á casa pela madrugada. Ao longe, os primeiros clarões do sol lhe pareciam mensageiros do conforto celestial. O canto das aves ecoava em seu espirito como notas harmoniosas de profunda alegria. O proprio mugido dos bois apresentava nova tonalidade aos seus ouvidos. Sua alma estava agora clara, o coração aliviado e feliz.

Em rangendo os gonzos da porta, seus irmãos dirigiram-lhe improperios, acusando-o de mau filho, de vagabundo e traidor da lei. Bartolomeu, porém, recordou o Evangelho e sentiu que só ele tinha bastante alegria para dar a seus irmãos. Em vez de reagir asperamente, como de outras vezes, sorriu-lhes com a bondade das explicações amigas. Seu velho pai o acusou, igualmente, es-corraçando-o. O apóstolo, no entanto, achou natural. Seu pai não conhecia a Jesus e ele o conhecia. Não conseguindo esclarece-los, guardou os bens do silencio e achou-se na posse de uma alegria nova.

Depois de repousar alguns momentos, tomou as suas rêdes velhas e demandou sua barca. Teve para todos os companheiros de serviço uma frase consoladora e amiga. O lago como que estava mais acolhedor e mais belo; seus camaradas de trabalho, mais delicados e acessíveis. De tarde, não questionou com os comerciantes, enchendo-lhes, aliás, o espirito de boas palavras e de atitudes cativantes e educativas.

Bartolomeu havia convertido todos os desalentos num canticó de alegria, ao sópro regenerador dos ensinamentos do Cristo; todos o observavam com admiração, exceto Jesus, que conhecia, com jubilo, a nova atitude mental de seu discípulo.

\*

No sabado seguinte, o Mestre demandou as margens do lago, cercado de seus numerosos seguidores. Ali, aglomeravam-se homens e mulheres do povo, judeus e funcionarios de Antipas, a par de grande numero de soldados romanos.

Jesus começou a pregar a Boa Nova e, á certa altura, contou, conforme a narrativa de Mateus, que — "o reino dos céus é semelhante a um tesouro que, oculto num campo, foi achado e escondido por um homem que, movido de gozo, vendeu tudo o que possuía e comprou aquele campo".

Nesse instante, o olhar do Mestre pousou sobre Bartolomeu que o contemplava, embevecido; a luz branda de seus olhos generosos penetrou fundo no intimo do apóstolo, pela ternura que evidenciava, e o pescador humilde compreendeu a delicada alusão do ensinamento, experimentando a alma leve e satisfeita, depois de haver alijado todas as vaidades de que ainda se não desfizera,



para adquirir o tesouro divino, no campo infinito da vida.

Enviando a Jesus um olhar de amor e reconhecimento, Bartolomeu limpou uma lagrima. Era a primeira vez que chorava de alegria. O pescador de Dalmanuta aderira, para sempre, aos eternos jubilos do Evangelho do Reino.

## IX

### VELHOS E MOÇOS

Não era raro observar-se, na pequena comunidade dos discípulos, o entrechoque das opiniões, dentro do idealismo quente dos mais jovens. Muita vez, o sequito humilde dividia-se em discussões, relativamente aos projetos do futuro.

Enquanto Pedro e André se punham a ouvir os companheiros, com a ingenuidade de seus corações simples e sinceros, João comentava os planos de luta no porvir; Tiago, seu irmão, falava do bom aproveitamento de sua juventude, ao passo que o jovem Tadeu fazia promessas maravilhosas.

— Somos jovens! — diziam. Iremos á Terra inteira, pregaremos o Evangelho ás nações, renovaremos o mundo!...

Tão logo o Mestre permitisse, saíam da Galiléia, pregariam as verdades do reino de Deus naquela Jerusalém atulhada de preconceitos e de falsos interpretes do pensamento divino. Sentiam-se fortes e bem dispostos. Respiravam a longos haustos e supunham-se os unicos discipulos habilitados a traduzir com fidelidade os novos ensinamentos. Por longas horas, questionavam acerca de suas possibilidades, apresentavam as suas vantagens, debatiam seus projetos imensos. E pensavam consigo: que poderia realizar Simão Pedro,